

Joker. Todd Phillips. Estados Unidos: Warner Brothers, 2019 [Blu-ray] (122min).

Coringa: o homem é o lobo do homem ou a sociedade o corrompe?

Joker: Is Man the Wolf of Man or Does Society Corrupt Him?

Dener Nascimento Savino¹

“Tudo é certo em saindo das mãos do autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem.” Com essa frase Jean-Jacques Rousseau² (1995, p. 9) inicia seu livro *Emílio ou da educação*, no qual imagina (de forma quase utópica) o desenvolvimento físico, cognitivo e moral de um ser humano, desde o nascimento até a fase adulta (20 anos). Rousseau, acreditava que os homens são bons por natureza, porém, o convívio em sociedade acaba por deturpar essa natureza. Por outro lado, Thomas Hobbes³ (2003) afirma que os homens são como lobos que devoram os próprios homens, ou seja, seres egoístas e principais responsáveis por suas próprias mazelas. “O homem é o lobo do homem; a guerra de todos contra todos; o homem é mau por natureza; a razão é um cálculo; o absolutismo hobbesiano” (TELES, 2012, p. 30).

O filme *Joker* (traduzido no Brasil como *Coringa*) relata a história de Arthur Fleck (Joaquin Phoenix), homem aparentemente de meia idade, de classe média baixa, que vive com a mãe em um apartamento, que trabalha como funcionário de uma empresa, que atua como palhaço em instituições hospitalares e comerciais, e que sofre de um transtorno neurológico/psiquiátrico que o faz rir compulsivamente de forma involuntária. Segundo Machado, Aguiar e Marino Jr. (2002), essa condição, conhecida como riso patológico, é associada a lesões em diferentes áreas do cérebro.

Em determinado ponto do filme, somos informados que, quando criança, Arthur sofreu lesões cerebrais provocadas por um ex-namorado da mãe. É muito forte no filme a ideia de tentar mostrar que a personagem procura abafar o sofrimento pelo prisma do humor. A narrativa é focada na transformação gradual da personagem, de um comportamento aparentemente pacato para o de um assassino sádico. Para além

¹ Estudante de Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Av. Dr. Cândido Xavier de Almeida Souza, 200, Mogi das Cruzes (SP), CEP 08780-911. E-mail: denersavino@outlook.com

² (1712-1778).

³ (1588-1679).

da transformação em si, é interessante acompanhar as diversas situações a que a personagem é exposta, as quais, aos poucos, contribuem para sua “metamorfose”. Um forte dilema encarado por Arthur consiste em saber distinguir o fio tênue que separa a realidade em que vive das ilusões criadas por ele mesmo.

No início do filme, Arthur é espancado por alguns adolescentes enquanto trabalhava como palhaço em frente a uma loja em liquidação. No momento, Arthur utilizava uma placa que informava sobre os objetos em promoção na loja. A placa acaba sendo destruída pelos mesmos garotos. Randall, funcionário da mesma empresa em que Arthur trabalha, o alerta falando que “os adolescentes que o espancaram são animais”. Arthur responde que “são apenas garotos”.

A interrogação que surge é: será que é adequado, por parte de Arthur, relevar o comportamento desses adolescentes e acreditar que as atitudes deles são ações condizentes com a faixa etária em que se encontram? Ou seria mais adequada a fala de Randall ao condenar os adolescentes? A ética e a moral presentes em nossa sociedade levam-nos a crer que o comportamento dos garotos é extremamente inadequado. Aceitando isso, temos outro questionamento: a passividade de Arthur não o torna uma espécie de inimigo de si mesmo? Mais adiante, quando é responsabilizado pelo desaparecimento da placa da loja e informado que, sem a devolução daquela, ele teria o salário diminuído, Arthur apresenta a mesma passividade, apenas esboçando um sorriso.

No decorrer do filme, a personagem é demitida do emprego por levar uma arma ao hospital em que estava trabalhando. A arma havia sido dada a Arthur por Randall, o qual mentiu ao chefe da empresa, dizendo que Arthur tentou vendê-la a ele. O protagonista novamente não se defende, não dizendo ao chefe que Randall havia dado a arma para ele. Temos aqui um exemplo de uma personagem que tenta tirar proveito sobre outra, visto que Arthur é como um concorrente de Randall na empresa em que trabalham. A conteúdo da cena coincide com a pensamento de Hobbes, segundo o qual o homem procura obter vantagens sobre os outros.

No caminho de volta para casa, dentro de um trem, Arthur mata, em legítima defesa, três rapazes que o espancavam. Arthur não procura a polícia e, mais uma vez, não procura expor as circunstâncias que o levaram a tais comportamentos. Diferentemente de outros animais, que agem por instinto, o homem possui a capacidade de escolha, nas palavras de Rousseau (1999, p. 173): “Assim é que os

homens dissolutos se entregam a excessos que lhes causam a febre e a morte, porque o espírito deprava os sentidos e a vontade fala ainda quando a natureza se cala”. Sendo assim, o ato de se defender dos agressores não é o maior problema encontrado na cena, mas sim o porquê de Arthur não ter poupado a vida do último agressor, quando este já estava ferido e não oferecia perigo real e por quê não procurou a polícia para prestar esclarecimento sobre o ocorrido e dizer que agiu em legítima defesa.

Até aqui, temos argumentos que defendem ambas as teorias, a de Rousseau, sobre a natureza boa do homem, e a de Hobbes, sobre a desgraça do homem ser causada por ele mesmo. O meio social (Randall, os adolescentes e os rapazes agressores) atua como estimulador que influencia de forma direta o comportamento de Arthur, assim como a personagem Thomas Wayne, que se abstém de oferecer ajuda e encontra-se com Arthur em um banheiro logo após “lavar as mãos”.

Por outro lado, temos também o argumento de que Arthur foi extremamente passivo nessas situações, contribuindo para o próprio infortúnio, o que nos remete à personagens típicas dos romances de Dostoiévski, que, por meio do comportamento errôneo, acabam por provocar a própria punição. A trilha sonora do filme parece ir ao encontro dessa dicotomia. A música *Smile* (“Sorria”, em tradução livre), composta por Charles Chaplin, dá-nos a sensação de que o homem possui a capacidade de ser algo diferente do que a vida tem a oferecer, apresentando sempre um sorriso para as mazelas da vida, o que se correlaciona com a passividade da personagem em rir em situações tristes e de risco. Por sua vez, a música *That's life* (“É a vida”, em tradução livre), cantada por Frank Sinatra, relata as diversas facetas de uma personagem que muda conforme as situações da vida.

Uma importante questão que surge quando assistimos ao filme é: Arthur poderia ser enquadrado como psicopata? De acordo com as autoras Gomes e Almeida (2010, p.14), a “psicopatia é um estado mental patológico caracterizado por desvios, principalmente de caráter, que desencadeia comportamentos antissociais. Esse desvio de caráter costuma ir-se estruturando desde a infância”. É difícil discorrermos sobre isso de forma mais profunda, visto que a infância da personagem é pouco relatada, mas temos a informação de que ele sofreu violências físicas e psicológicas por parte da mãe e do ex-namorado da mãe, violências essas que podem influenciar o comportamento humano na fase adulta.

Para Rousseau (1992, p. 10) a educação infantil (primária) é a mais importante e a figura principal dessa primeira fase da educação é a mãe, como principal influenciadora. “Cultiva, rega a jovem planta antes que morra: seus frutos dar-te-ão um dia alegrias. Estabelece desde cedo um cinto de muralhas ao redor da alma de tua criança. Outro pode assinalar o circuito, mas só tu podes erguer o muro.” Dessa forma, a mãe possui o papel de proteger o filho contra as influências malélicas da sociedade, o que não ocorre no filme. Por sua vez, Hobbes (2003, p. 108-9) entende que o homem é mau por si só, sem a necessidade de influências externas. O filósofo afirma:

E a vida do homem é solitária, miserável, sórdida, brutal e curta. [...] Além disso, os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de intimidar a todos. Porque cada um pretende que o seu companheiro lhe atribua o mesmo valor que ele se atribui a si próprio e, na presença de todos os sinais de desprezo ou de subestimação, naturalmente se esforça, na medida em que a tal se atreve (o que, entre os que não têm um poder comum capaz de manter a todos em respeito, vai suficientemente longe para levá-los a se destruírem uns aos outros), por arrancar dos seus contendores a atribuição de maior valor, causando-lhes dano, e de outros também, pelo exemplo.

No clímax do filme, Arthur, já caracterizado como Coringa, faz um discurso em um programa de televisão, dizendo que “todas as pessoas são horríveis nos dias atuais e ninguém pensa como é estar na situação da outra pessoa”. Temos aqui um discurso que corrobora com a hipótese de que a culpa é sempre externa (a sociedade). O discurso do personagem principal é contrariado por Murray Franklin (apresentador do programa de televisão), quando este diz que Arthur está apenas dando desculpas pelas coisas que ele fez e que nem todas as pessoas são horríveis. Dessa forma, a pergunta surge novamente, os homens são bons por natureza e corrompidos pela sociedade ou os homens são maus por natureza e fazem a própria desgraça? Ou ainda, a vida é uma tragédia ou uma comédia? Talvez as duas coisas.

Referências bibliográficas

GOMES, Cema Cardona; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de. Psicopatia em homens e mulheres. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 13-21, abr. 2010. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 mai. 2020.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de: João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martin Fontes, 2003.

MACHADO, André G.; AGUIAR, Paulo Henrique; MARINO JR, Raul. Pathological Laughter in a Patient with Trigeminal Neurinoma. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** São Paulo, v. 60, n. 4, p. 1000-2, dez., 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004282X2002000600021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 mai. 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TELES, Idete. **O contrato social de Thomas Hobbes: alcances e limites**. 2012. 232 f. Tese (Doutorado) Curso de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.